

A INFLUÊNCIA DO SEGMENTO DE JESUS DENTRO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO DE GUSTAVO GUTIÉRREZ

Raquel Marques Soares¹

Se nos perguntarmos, como e por que um grupo religioso incorpora o marxismo a algumas de suas práticas, precisaremos olhar para o passado. Nele encontraremos dentro do evangelho de Lucas, Marcos e Mateus, que são comuns aos cristãos, brechas e ganchos que possibilitaram essa junção de práticas. Pensando em uma linha do tempo, temos o segmento de Jesus de um lado e a Teologia da Libertação de outro, com uma enorme distância entre eles. O primeiro, teve sua primeira fase com início e fim na década de 30 d.C., esteve praticamente restrito a região da Galiléia, sobretudo à margem norte do Lago Genesaré. Já o segundo, teve suas origens na América Latina, foi gerado e teve o seu apogeu durante as décadas de 1960 e 1970. Como então é possível assimilar dois movimentos situados geograficamente e em contextos tão distintos?

Consideramos os riscos de anacronismo ao relacionar dois movimentos, que aconteceram com quase dois milênios de distância entre eles. Entretanto não podemos deixar de notar os resgates que foram feitos, não só para justificar a postura revolucionária de alguns membros da Igreja Católica mas também, para tecer críticas a negligência, que há muito vinha sendo feita na sociedade latino americana, por grande parte da liderança cristã. É nesse vasculhar o passado que somos confrontados: “primeiramente com vestígios, que se conservaram até hoje, e que em maior ou menor número, chegaram até nós.” (Koselleck, 2006, p.305a) Utilizando então, da experiência e da expectativa, dentro da história podemos, tomando os devidos cuidados, relacionar tempos e espaços distintos, sendo então experiência e expectativa “[...] duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.” (Koselleck, 2006, p.308b)

Caracterizando primeiro a experiência, podemos dizer que ela é fruto de um passado atual, onde o que se passou pode e é, incorporado e lembrado pelos indivíduos, assim acaba

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
rms.raquel.marques@gmail.com

sendo transmitida de geração em geração ao longo dos tempos. Logo, são as experiências dos outros, que acabam por constituir a história. Já a expectativa, é voltada para aquilo que ainda não aconteceu, podendo ser concebida de maneira individual e interpessoal. O passar do tempo, pode fazer com que os indivíduos repitam e até mesmo tentem copiar experiências passadas. A provável repetição das experiências não delimita o campo de expectativa, a mudança temporal faz com que esses mesmos indivíduos realoquem condições, aumentem as experiências e almejem resultados para muito além daquelas expectativas surgidas com experiências passadas. Considerando então que essas mudanças de foco, foram feitas pelos teólogos da libertação, ao longo do artigo demonstraremos como experiências foram modificadas e esse horizonte de expectativa foi ampliado.

Fazendo um apanhado geral da década de 60, após o triunfo da Revolução Cubana, pareceu haver um maior número de questões voltadas para a busca da igualdade social e melhoria de vida das populações mais carentes. Dentro da Igreja Católica, não foi diferente, o Papa João XXIII havia publicado as Encíclicas Sociais: *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris*, nos anos de 1961 e 1963 respectivamente. Entre as duas, houve o Concílio do Vaticano II, que também se mostrou preocupado com o bem estar social. Em contrapartida, o medo das revoluções de esquerda, fizeram com que setores militares e civis apoiassem golpes de regimes de direita, por toda a América Latina. Os documentos escritos anteriormente a esses golpes, acabaram por serem utilizados para fazerem oposição ao desenvolvimentismo econômico e social proposto pelos governos. A Conferência de Medellín, ocorrida na Colômbia em 1968, acabou por se tornar um marco efervescente para esse novo engajamento social, por parte de alguns setores clericais da Igreja. Após essa conferência, o peruano Gustavo Gutiérrez, reuniu em seu livro *Teologia da Libertação*, perspectivas teológicas que voltam o seu olhar para a questão da pobreza e para aqueles que eram vítimas não só da miséria, mas também de todo um sistema social injusto e opressor histórico.

Em um primeiro momento Gustavo Gutiérrez, coloca que não se deve separar da teologia seu caráter espiritual e racional, assim através dela devemos buscar a reflexão e a ação dentro de diversos contextos históricos. Busca então através do apóstolo Paulo, tentar convencer, que desde os primórdios, a vida cristã girou em torno de se fazer o bem para os demais, dizendo que: “[...] a fé opera pela caridade: o amor é o sustentáculo e a plenitude da fé, da entrega ao Outro e, inseparavelmente, aos outros. É este o fundamento da práxis do cristão, de sua presença ativa na história.” (Gutiérrez, 1979, p.19) Ainda dentro das reflexões críticas, Gutiérrez retoma o Concílio do Vaticano II reafirmando o papel da Igreja, como uma

comunidade de serviço e não de poder. Cujos dever não é centrar-se em si mesma, mas abraçar os homens em suas angústias e alegrias. Todo esse novo jeito de se fazer teologia, teve grandes influências do pensamento marxista com sua práxis utópica, desejosa de mudar a ordem vigente no mundo e criar um novo homem. Aqui a práxis ganha grande importância, pois é através da ação concreta que se poderá criar uma nova sociedade, um novo homem e atingir o reino celeste. Essa nova teologia, também precisa ser crítica para fazer análises da sociedade e da Igreja, afim de se unir a práxis histórica, ela é uma reflexão e atitude crítica. É uma teologia que precisa ser atual e que não deve apenas “[...]pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo através do qual o mundo é transformado: abrindo-se – no protesto ante a dignidade humana pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria dos homens, no amor que liberta, na construção de nova sociedade, justa e fraterna – ao dom do reino de Deus.” (Gutiérrez, 1979, p. 27) É importante ressaltar que o próprio Gutiérrez constrói, a imagem da Teologia da Libertação, como resgate desse cristianismo primitivo oriundo do Movimento de Jesus. Ao refletir sobre esse novo papel que a Igreja pode vim a desempenhar “Poder-se-ia falar de uma volta às posições da Igreja dos primeiros séculos. [...] O que se exprimiu espontânea e intuitivamente nos primeiros séculos deve manifestar-se agora de modo mais reflexo e crítico.” (Gutiérrez, 1979, p. 212) poderíamos fazer muitas críticas sobre suas citações aos primeiros séculos e até mesmo ao apóstolo Paulo, entretanto isso levaria reflexões mais intensas do que a pretendida aqui. Não nos afastaremos do Segmento do Jesus histórico e o sucedido após o seu desmembramento, esse artigo se limitará a abordar somente do acontecido até a década de 30 d.C. Dessa perspectiva geral, me atrelarei ao espaço de experiência, presente em três pontos: a questão financeira sobretudo dos pobres; o sentimento de amor ao próximo, diretamente entrelaçado com a solidariedade; e o chamado reino de Deus.

O dito, Jesus histórico, era um *tékton* (Stegemann,2004), ou seja, um artesão sem posses territoriais. Reuniu em torno de si, toda espécie de pessoas. Majoritariamente, encontramos entre seus seguidores, pessoas como ele, oriundas de um estrato inferior. Entretanto também havia pessoas de estratos superiores, como o exemplo do arrendatário Mateus. De toda forma, mesmo não sendo um grupo homogêneo, o Movimento de Jesus era composto por pessoas vistas com má fama, como prostitutas, publicanos (Mt 21.32) gentios, mendicantes, etc. Presente então nesse grupo, muitos renunciaram o que tinham – pouco ou muito – e o seguiram (Lc 5.11). Podemos encarar essa renúncia, não apenas como financeira ou econômica, mas como uma renúncia social, onde o indivíduo se redime perante os demais.

Gutiérrez caracteriza “A pobreza é para a Bíblia um estado escandaloso atentatório da dignidade humana e, por conseguinte, ao contrário à vontade de Deus.” (Gutiérrez, 1979, p. 238). Assim repudiada pela Bíblia e sobretudo por Jesus, a pobreza deve ser condenada e combatida. “Aceitar a pobreza e a injustiça é recair na situação de servidão, anterior à libertação do Egito. É retroceder.” (Gutiérrez, 1979, p. 241).

A riqueza, na perspectiva do Jesus histórico, não era um mal absolutamente condenado, entretanto ele não deixava de tecer críticas à forma idólatra em que seus detentores se relacionavam com ela. “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; [...] Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” (Mt.6.19-21) Para Jesus, os corações de alguns homens, estavam tão preenchidos pelas riquezas materiais que, se entristeciam e preferiam perder a chamada vida eterna, do que dar aos pobres parte dos seus bens, em demonstração de solidariedade (Mc.10.17-25). Por outro lado, é visto de maneira louvável, quando um homem de poses, como é o caso de Zaqueu (Lc.19.7-9), reparte com os necessitados, tudo aquilo que possui e ainda restitui quatro vezes a mais possíveis roubos cometidos por ele. As críticas sobretudo, pairavam na maneira egoísta e negligente dos ricos para com os pobres. Também atingiam aqueles que no ato de esmolar, faziam grande estardalhaço, na tentativa de se engrandecerem pela atitude caridosa

Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus. Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita; Para que a tua esmola seja dada em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, ele mesmo te recompensará publicamente. ⁱ

O amor e solidariedade para com os pobres, é também bastante ressaltado no segmento de Jesus, em questões como o auxílio daqueles que não possuem meios para se manterem, como é o caso das viúvas e órfãos. E também o ato de não pressionar os devedores, além do perdão das dívidas (Mt. 18.24-35) Nesse novo espaço de experiência latino, Gutiérrez faz lembrar “oprimir o pobre é atentar contra o próprio Deus; conhecer a Deus é praticar a justiça entre os homens. Encontramos a Deus no encontro com os homens: o que se faz aos outros faz-se ao Senhor. [...] a existência da pobreza reflete uma ruptura de solidariedade entre os homens e de comunhão com Deus.” (Gutiérrez, 1979, p. 241) Para pôr fim as injustiças e opressões, salienta-se então a necessidade de solidarizar-se com aqueles que carecem. Dessa forma, muda-se o horizonte de expectativa, visando não mais suprir a

necessidade desses de maneira momentânea, praticada em forma de atos de caridade. A prática da caridade torna-se uma espécie de engrandecimento que os antigos faziam, essa ação serve apenas para mostrar o status superior que o seu autor se encontra em comparação aquele ajudado. Para se atingir então essas expectativas e abolir a caridade, é considerado de extrema importância, extinguir as alienações que mantêm o povo latino americano em situação miserável. “Como diz P. Ricoeur, ninguém está realmente com os pobres senão lutando contra a pobreza. Graças a esta solidariedade – feita gesto preciso, estilo de vida, ruptura com sua classe social de origem – poder-se-á também contribuir para que os pobres e desposados tomem consciência de sua situação de exploração e busquem liberta-se dela.” (Gutiérrez, 1979, p. 247) Através da ótica marxista, Gutiérrez reforça o quanto a luta de classes presente nesse contexto, vai contra o amor pregado dentro do cristianismo, podendo trazer problemas dentro da própria unidade da Igreja. Afirma também que, negar a sociedade de classes e a luta existente entre elas, é torna-se cúmplice dos setores dominantes. Sendo assim, enxerga a necessidade de não ser imparcial, nem se deixar esquecer da triste situação que as classes menos abastadas estavam vivendo. Assinala categoricamente a impossibilidade de ser neutro dentro da luta de classes pois a imparcialidade, leva a conveniência e assim quem se diz neutro é na verdade um aliado do capitalismo.

Considera categoricamente que a não negação da luta de classes não é pregar um ódio aos ricos, o apoio aos pobres é a única maneira que Gutiérrez enxerga de haver mudanças e a destruição do sistema capitalista. Para ele “Não se trata de não ter inimigos, e sim de não excluí-los de nosso amor.” (Gutiérrez, 1979, p.230a) Assim a revolução também salvaria os abastados pois o “Amor universal é aquele que em solidariedade com os oprimidos intenta libertar também os opressores de seu próprio poder, de sua ambição e egoísmo.” (Gutiérrez, 1979, p.230b) A solidariedade é posta aqui como um ato de amor a todos, a preferência pelos pobres e o combate a alienação dos mesmos, é um gesto de amor que seria mais eficaz que as meras esmolas. Combater a opressão e o opressor é considerado um sentimento de amor também para com o opressor, pois esse opressor deixaria de possuir sentimentos e atitudes ruins, criticadas por Jesus, e que, segundo os religiosos, impedem sua redenção. Gutiérrez visa uma libertação de várias classes ocorrendo simultaneamente por meio de um amor universal e solidário. Soa de maneira surreal, mas esse novo horizonte de expectativas, parece demonstrar que os ricos não deixarão de ser exploradores e conseqüentemente salvos através de sua própria vontade e esforço. A experiência nesse novo espaço busca tanto a transformação dos

oprimidos em agentes libertadores, que praticamente transforma os seus opressores em agentes passivos dentro do seu contexto histórico.

Sendo a Igreja vinculada ao sistema vigente, Gutiérrez vai traçando severas críticas a mesma. A culpabiliza dizendo que esse apoio, facilita a criação de situações alienantes e a violência dos poderosos contra os fracos sendo uma espécie de subterfúgio para não haver mudanças. Apoiar as causas sociais, tem então a ver, com abdicação de certo poder político que a Igreja carrega. Afirma que no momento em que toda a Igreja se posiciona contra o regime militar “Os grupos que detêm o poder econômico e político - como já começou a ocorrer - não lhe perdoarão e retirar-lhe-ão seu apoio, principal fonte do ambíguo prestígio social de que goza a Igreja da América Latina.” (Gutiérrez, 1979, p. 221) Essa crítica feita a Igreja, pode ser relacionada também ao motivo pelo qual Jesus foi crucificado. Não ignoramos que a solidariedade e amor presentes no movimento de Jesus, foram projetados em um espaço e num horizonte de expectativas apolítico (Stegmann.2004). Entretanto o próprio Gutiérrez afirma que a morte de Jesus foi levada pelos seus posicionamentos, suas críticas à religião feita de regras e observações moralmente exteriores que colocava-o diretamente contra os fariseus. Gutiérrez, ainda afirmara que “Jesus retomará a grande tradição profética e reclamará a autenticidade do culto na base de disposições pessoais profundas, da criação de verdadeira fraternidade entre os homens e de compromissos reais em favor dos outros, especialmente dos mais necessitados. Jesus ajuntava, com efeito, a essa crítica uma frontal oposição aos ricos e poderosos e uma radical opção pelos pobres[...].” (Gutiérrez, 1979, p.194-195) É ainda pensando na morte injusta de Jesus, que Gutiérrez lembra que os que hoje lutam por causas semelhantes e optam pelos pobres, correm risco de morrer por esses ideais, fazendo uma clara referência aos padres e freiras que se engajaram no seio de outros movimentos sociais e que estavam sendo perseguidos, presos e torturados pelos governos militares.

Por último temos a questão do reino divino. Ao projetar a escatologia em um *anti-mundo*, através do Sermão da Montanha e de outras parábolas, “O vindouro reino de Deus promove a compensação dos destinos sociais precedentes” (Stegman. 2004, p.234), como se o reino viesse sobretudo para os necessitados afim de cura-los de todo mal. O reino é afirmado pelo Jesus histórico, como estando parcialmente presente nos milagres que ele supostamente fez e por isso Jesus pode ser considerado dentro da teologia “não somente como mensageiro ou pregador, mas também já executor do reinado de Deus que se aproximou.” (Stegman.2004, p. 236) O Jesus histórico, sempre se referia a esse reino, um lugar justo e melhor, onde todos os seus seguidores almejavam fazer parte. Pensando nos estudos de Cullmann, Gutiérrez

retoma uma possível causa para que as atitudes de Jesus não englobem as questões políticas e sociais. Para ele “Jesus não se desinteressa da ação neste mundo, porém esperando um fim iminente da história ‘apenas considera a conversão individual sem se preocupar com uma reforma das estruturas sociais’”. Assim, considera que o reino para Jesus viria rapidamente e curaria os males da sociedade. Entretanto esse reino continua sendo esperado pelos cristãos. Em seu horizonte de expectativa, Gutiérrez acredita poder projetar esse reino na América Latina visto que, o anúncio do reino revela a aspiração por uma sociedade justa, faz descobrir dimensões insuspeitadas e caminhos inéditos a percorrer. Atingir seu objetivo é acreditar na plena comunhão de todos os homens com Deus. O político para ele se enraíza no plano escatológico.

Percebemos então, como o discurso do Jesus foi apropriado por Gustavo Gutiérrez para legitimar os princípios, ações e expectativas da Teologia da Libertação. Por mais que pareçam movimentos distantes, sempre houve uma intenção do segundo, em se projetar e se inspirar no primeiro. A opção feita em auxílio e solidariedade aos pobres e o repúdio as classes exploradoras, podem ser encontrados e são justificados, dentro da ótica da Teologia da Libertação, através dos evangelhos. As experiências de Jesus foram reproduzidas no âmbito social e também político, mesmo sem Jesus ter atuado nesse último. Na esfera política, projetou-se um novo horizonte de expectativa, onde a sociedade socialista poderia ser quase tão justa e favorável aos oprimidos que se assemelharia a um reino celestial. São os ideais e práticas cristãs que nos fazem compreender a presença religiosa em movimentos sindicais e socialistas. O contrário também ocorre pois são nos horizontes de expectativas socialistas que compreendemos como os teólogos da libertação projetam a escatologia cristã. Esse resgate construído em todo o discurso de Gutiérrez em “Teologia da Libertação: Perspectivas”, é que torna essa vertente teológica em algo tão concreto e legitimado. Em um enredo tão bonito e apaixonado, Gutiérrez constrói esse resgate totalmente necessário para a existência e manutenção da Teologia da Libertação.